“A NEW SORT OF MAGAZINE”: AMAZING STORIES (1926) E O IMPERIALISMO NA GÊNESE DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Palavras-Chave: História e Literatura, Imperialismo, Ficção Científica, Revistas Pulp

Autores(as):

ANA TORRES BARBOSA, IFCH

Prof(ª). Dr(ª). RAQUEL GRYSZCZENKO ALVES GOMES (orientadora), IFCH

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa tem como fonte a primeira edição[1] da revista pulp *Amazing Stories* (1926). Lançada em Nova York em abril de 1926 pelo editor Hugo Gernsback (1884-1967), *Amazing* foi a primeira publicação dedicada exclusivamente ao que viria a ser chamado ficção científica[2]. A partir desta posição pioneira, a revista foi bastante influente no processo de formação do gênero da ficção científica nos Estados Unidos, as histórias publicadas, os sempre presentes comentários editoriais e os espaços posteriormente criados para discussão entre leitores serviram como um campo fértil para estipular quais eram os elementos e temas centrais desse novo gênero. Para o pesquisador Gary Westfahl, Gernsback tomou para si a tarefa de categorizar as histórias de temática científica que já existiam na época em um gênero único e novo, que também teria uma genealogia própria e autores principais (como Júlio Verne, Edgar Allan Poe e H.G Wells) (WESTFAHL, 1992).

Tendo isso em mente, o objetivo central desta pesquisa é analisar a relação entre o fenômeno histórico do imperialismo e o surgimento da ficção científica como um gênero literário nos Estados Unidos, sendo a primeira edição da *Amazing Stories* a fonte histórica em que se baseia essa análise. Nesse sentido, são pensados temas recorrentes nas histórias e comentários editoriais publicados na revista - como a ideia de progresso científico, a existência de seres exóticos e estranhos (compreendidos como a figura do “Outro”), a hierarquização de seres humanos (com base em noções de inferioridade e superioridade) e a exploração de outros mundos - a partir de suas conexões com a experiência histórica do imperialismo, levando em consideração especialmente como ideias que justificam a dominação imperial se relacionam com o desenvolvimento científico e, consequentemente, com a criação de uma forma de narrativa ficcional pautada pela ciência.

METODOLOGIA:

[1] Por uma escolha editorial, duas das histórias publicadas na primeira edição (*Off on a comet* e *The man from the atom*) são finalizadas apenas na edição seguinte, portanto, parte da segunda edição também é levada em consideração na pesquisa.
[2] Gernsback inicialmente cunha o termo “scientifiction”, uma junção das palavras “scientific” e “fiction” para se referir ao gênero de histórias publicadas em sua revista, mas já na década de 1930 o termo “science fiction” ganha predominância.

O processo de pesquisa é baseado em uma leitura crítica da fonte aliada a uma base teórica, que se encontra principalmente nos campos da teoria pós-colonial e do *sci-fi studies*, há uma intersecção desses campos na crítica literária de ficção científica, tornando uma abordagem interdisciplinar essencial para o desenvolvimento da presente pesquisa. Além disso, a análise da revista é feita levando em consideração o fato de que ela é um todo composto de diversas partes, sendo assim, é relevante pensar sobre os temas que existem em comum entre as histórias selecionadas e considerar que elas foram deliberadamente agrupadas para compor uma edição que pretendia inaugurar não só uma publicação, mas também um gênero literário. Também é de extrema importância pensar os comentários editoriais e o papel que eles tiveram na construção de um discurso sobre a *Amazing Stories* e a ficção científica.

Capa da *Amazing Stories*, vol. 1, no. 1, 1926.

Também, é preciso delimitar o que se entende ao falar do surgimento de um gênero e como esse processo ocorre no caso estudado. O crítico literário John Rieder argumenta que um gênero literário não é uma categoria fixa, com uma definição objetiva, ao invés disso, os gêneros são fenômenos inerentemente intertextuais, constituídos a partir de um conjunto de obras que têm “similaridades familiares” entre si. Dessa forma, eles se constroem ao longo do tempo e através da prática, da interação, em um processo no qual surgem expectativas genéricas, semelhanças e oposições, produzindo assim uma “teia de semelhanças”, que pode vir a se distinguir de outras teias e, assim, se tornar uma categoria própria (RIEDER, 2008). Portanto, para os propósitos da presente pesquisa, entende-se que a criação da *Amazing Stories* faz parte do movimento histórico da criação da “teia de semelhanças” da ficção científica, o que faz dela não um marco inicial definitivo na história do gênero, mas um ponto importante entre muitos que se articularam em conjunto e, além disso, um ponto que tornou possíveis toda uma gama de novas articulações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A leitura crítica da revista, em conjunto com a leitura da bibliografia citada, girou em torno de alguns temas chave, que se articulam entre si e levam às conclusões que serão apresentadas a seguir. Em primeiro lugar, a figura do cientista, do indivíduo que possui o domínio da técnica, é crucial não só dentro das narrativas ficcionais, mas também no projeto de Gernsback, com o qual o público leitor se identificava. No editorial introdutório da revista, *A New Sort of Magazine*, Gernsback ressalta que sua nova publicação não teria apenas a função de entreter, mas também de educar, além disso, uma tese cara para o editor é a de que a leitura de ficção científica poderia inspirar as invenções tecnológicas do futuro, de forma que a *Amazing Stories* estaria contribuindo para o progresso e o desenvolvimento científico. Esse tipo de discurso era condizente com o público leitor de ficção científica da época,

formado majoritariamente por membros da classe trabalhadora com empregos técnicos (ou estudantes se especializando em áreas técnicas), imigrantes ou descendentes de imigrantes[3] que buscavam no domínio da tecnologia a possibilidade de ascensão social (CSICSERY-RONAY, 2003).

Volume 1 — AMAZING STORIES — April, 1926 No. 1.

THE MAGAZINE OF SCIENTIFICTION

HUGO GERNSBACK, F.R.S., *Editor*
DR. T. O'CONOR SLOANE, M.A., Ph.D.; *Managing Editor*
Editorial and General Offices - - - 53 Park Place, New York, N. Y.

Extravagant Fiction Today - - - - - - - Cold Fact Tomorrow

A NEW SORT OF MAGAZINE

By HUGO GERNSBACK, F.R.S.

ANOTHER fiction magazine!

At first thought it does seem impossible that there could be room for another fiction magazine in this country. The reader may well wonder, "Aren't there enough already, with the several hundreds now being published?" True. But this is not "another fiction magazine," AMAZING STORIES is a new kind of fiction magazine! It is *entirely new*—entirely different—something that has never been done before in this country. Therefore, AMAZING STORIES deserves your attention and interest.

There is the usual fiction magazine, the love story and the sex-appeal type of magazine, the adventure type, and so on, but a magazine of "Scientifiction" is a pioneer in its field in America.

By "scientifiction" I mean the Jules Verne, H. G. Wells, and Edgar Allan Poe type of story—a charming romance intermingled with scientific fact and prophetic vision. For many years stories of this nature were published in the sister magazines of AMAZING STORIES—"SCIENCE & INVENTION" and "RADIO NEWS."

But with the ever increasing demands on us for this sort of story, and more of it, there was only one thing to do—publish a magazine in which the scientific fiction type of story will hold forth exclusively. Toward that end we have laid elaborate plans, sparing neither time nor money.

Edgar Allan Poe may well be called the father of "scientifiction." It was he who really originated the romance, cleverly weaving into and around the story, a scientific thread. Jules Verne, with his amazing romances, also cleverly interwoven with a scientific thread, came next. A little later came H. G. Wells, whose scientifiction stories, like those of his forerunners, have become famous and immortal.

It must be remembered that we live in an entirely new world. Two hundred years ago, stories of this kind were not possible. Science, through its various branches of mechanics, electricity, astronomy, etc., enters so intimately into all our lives today, and we are so much immersed in this science, that we have become rather prone to take new inventions and discoveries for granted. Our entire mode of living has changed with the present progress, and it is little wonder, therefore, that many fantastic situations—impossible 100 years ago—are brought about today.

It is in these situations that the new romancers find their great inspiration.

Not only do these amazing tales make tremendously interesting reading—they are also always instructive. They supply knowledge that we might not otherwise obtain—and they supply it in a very palatable form. For the best of these modern writers of scientifiction have the knack of imparting knowledge, and even inspiration, without once making us aware that we are being taught.

And not only that! Poe, Verne, Wells, Bellamy, and many others have proved themselves real prophets. Prophecies made in many of their most amazing stories are being realized—and have been realized. Take the fantastic submarine of Jules Verne's most famous story, "Twenty Thousand Leagues Under the Sea" for instance. He predated the present day submarine almost down to the last bolt! New inventions pictured for us in the scientifiction of today are not at all impossible of realization tomorrow. Many great science stories destined to be of an historical interest are still to be written, and AMAZING STORIES magazine will be the medium through which such stories will come to you. Posterity will point to them as having blazed a new trail, not only in literature and fiction, but in progress as well.

We who are publishing AMAZING STORIES realize the great responsibility of this undertaking, and will spare no energy in presenting to you, each month, the very best of this sort of literature there is to offer.

Exclusive arrangements have already been made with the copyright holders of the entire remaining works of ALL of Jules Verne's immortal stories. Many of these stories are not known to the general American public yet. For the first time they will be within easy reach of every reader through AMAZING STORIES. A number of German, French and English stories of this kind by the best writers in their respective countries, have already been contracted for and we hope very shortly to be able to enlarge the magazine and in that way present always more material to our readers.

How good this magazine will be in the future is up to you. Read AMAZING STORIES—get your friends to read it and then write us what *you* think of it. We will welcome constructive criticism—for only in this way will we know how to satisfy you.

3

Editorial de *Amazing Stories*, vol.1, no.1, 1926.

Ademais, nas histórias publicadas, o cientista é uma figura sempre presente, sendo ele o personagem que, através de seu domínio da técnica e de seus conhecimentos, é capaz de proporcionar um desfecho positivo para a trama. Para Rieder, a presença desses homens singulares (e é importante frisar a demarcação de gênero) que possuem habilidades superiores, acima do padrão, nas narrativas é onde se constrói uma diferenciação entre o "Eu" e o "Outro", o ser superior e o inferior, pois: "The thrill of the technological breakthrough is not that it benefits everyone but that it produces a singular, drastic difference between those who possess the new invention or power source and those who do not" (RIEDER, 2008, pp.32). Nesse sentido, o avanço tecnológico é um sinal de progresso, mas também é um demarcador claro de quem é o detentor do poder em uma relação desigual.

Essa dinâmica não é ignorada nas histórias publicadas, pelo contrário, o exercício do poder se torna um mecanismo narrativo efetivo para a produção do terror. Em algumas histórias[4], o terror seria oriundo de uma "inversão de papéis" em relação à dinâmica colonial, na qual os protagonistas, homens brancos, ocidentais, com conhecimento científico, acostumados a dominar, sofrem a dominação de seres não-humanos que possuem uma tecnologia superior, sendo colocados assim no papel do colonizado (RIEDER, 2008). A respeito disso, é interessante considerar a noção do "olhar imperial", como postulado por Mary Louise Pratt, pois é a partir desse olhar que o cientista europeu se considera capaz de catalogar e ordenar o mundo, criando definições e hierarquias para os seres vivos que são observados. Nesse sentido, as narrativas extrapolam um próximo passo nessa lógica hierárquica, um ser extraterrestre superior ao homem ocidental que, ao ser introduzido na dinâmica, toma posse do "olhar imperial" e transforma o observador em observado.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, também foi crucial entender algumas das articulações entre ciência e imperialismo que existiam no momento de publicação da revista e também nos contextos em que as histórias foram produzidas[5], para melhor compreender que tipo de ciência está

[3] É relevante considerar que duas importantes figuras para a *Amazing Stories* eram imigrantes: em primeiro lugar o próprio Gernsback, nascido em Luxemburgo, se mudou para os Estados Unidos em 1904 e Frank R. Paul, o ilustrador da revista, nascido no Império Austro-Húngaro, emigrou para os Estados Unidos em 1906.

[4] As histórias em questão são: *The thing from outside*, *The man from the atom* e, de forma menos central mas ainda presente, *The man who saved the earth*.

[5] A primeira edição é composta exclusivamente de histórias republicadas, de forma que elas foram escritas em anos e locais diferentes (mas todas são oriundas dos Estados Unidos ou da Europa).

sendo discutida na *Amazing Stories*. Gernsback tinha uma predileção por histórias de invenção que tratassem de aspectos mais técnicos - mesmo que esse não fosse o único tipo de ficção que se encontrava nas páginas de suas revistas, devido à grande popularidade das histórias com temáticas de aventura (ASHLEY, 2000) - essa preferência se devia, em parte, ao seu objetivo de entreter e educar a partir da ficção. A mistura de entretenimento e instrução também estava presente em um fenômeno histórico particularmente popular durante o século XIX e a primeira metade do século XX, o das exposições universais.

A primeira exposição universal ocorreu em Londres, em 1851, e o formato de exposição rapidamente se expandiu e proliferou para outras metrópoles ocidentais. Nesses eventos, as potências industrializadas podiam demonstrar seu potencial econômico, atrair investidores estrangeiros, demonstrar avanços tecnológicos e exibir as riquezas de suas colônias. As exposições eram eventos massivos que podiam durar meses, tendo um grande número de visitantes, assim, elas também tinham o objetivo autodeclarado de educar as massas de uma forma dinâmica, expô-las aos avanços científicos e apresentá-las a partes do mundo que nunca teriam a possibilidade de conhecer pessoalmente (KOUTSOUKOS, 2020).

Um meio para essa educação eram as exposições antropológicas, também conhecidas como zoológicos humanos. Nesses espaços, indivíduos vindos das colônias eram expostos em um cenário que buscava replicar de forma “autêntica” seu “ambiente nativo” de forma que o público pudesse assistir “selvagens” e, logicamente, se comparar a eles. Ademais, as exposições serviam como laboratórios de antropometria e psicometria, nos quais os indivíduos eram submetidos a experimentos e medições em um esforço, na lógica do racismo científico, de hierarquização e classificação das raças. A própria organização espacial das exposições podia contribuir para essa hierarquização, pois os diferentes tipos humanos eram expostos em uma ordem do mais selvagem ao mais civilizado - em uma linha evolutiva, progressiva - de acordo tanto com sua categorização racial pretensamente científica quanto com o suposto nível de domínio tecnológico de cada povo (KOUTSOUKOS, 2020).

Assim, entende-se que quando as narrativas de ficção científica trazem ideias como a existência de uma hierarquia tecnológica que permite ao povo superior dominar o povo inferior, além de mobilizar como elemento de terror, a partir de histórias nas quais humanos são capturados e submetidos a experimentos, a ideia de que o olhar do cientista pode ser uma forma de exercer o poder e a violência, essa nova forma de levar a ciência para as massas que se manifesta na *Amazing Stories* está em diálogo com outras formas de educação das massas existentes no período. Ademais, a partir da presença emblemática de sistema hierárquicos nas histórias, é possível perceber a conexão com o que era considerado científico naquele momento histórico, no caso, a classificação racial dos tipos humanos.

Por fim, é importante frisar que existem também as referências diretas nas narrativas ao imperialismo e ao racismo científico que servem para reforçar essa conexão. Primeiramente, a história *Off on a comet* é protagonizada por dois militares franceses que atuam na Argélia colonial e também representa, de forma satírica, as disputas por territórios entre a França e a Inglaterra, sendo assim, o espaço colonial e as disputas entre as potências imperialistas servem como pano de fundo para a história. Ademais, talvez o trecho mais emblemático de toda a dinâmica previamente explicitada se encontra na história *The man from the atom*, na qual o protagonista, ao se ver capturado em um planeta estranho, diz: "I live here on sufferance, as an ignorant African might have lived in an incomprehensible, to him, London. A strange creature, to play with and to be played with by children. A clown…a savage!" (*Amazing Stories*, vol.1, no.1, 1926, pp.66).

CONCLUSÕES:

A partir do movimento de análise, foi possível compreender que, como Rieder postula, parte das ideias e temas que existem na "teia de semelhanças" da ficção científica são formas de tentar compreender e dialogar com os fenômenos históricos do colonialismo e do imperialismo (RIEDER, 2008). Assim, a leitura demonstrou que, ao tentar dar nome a um novo gênero e agrupar um conjunto de narrativas sob esse nome, Gernsback criou uma revista que traz em suas páginas discussões que passam pela ideologia do progresso, a ideia de raça e noções de inferioridade e superioridade, de forma que a ciência, o imperialismo e a ficção se encontram.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

As imagens utilizadas estão disponíveis em:
https://www.pulpmags.org/content/view/issues/amazing-stories.html

Amazing Stories, Nova York, vol. 1, no. 1, pp.2-96, 1926.

Amazing Stories, Nova York, vol. 1, no. 2, pp.97-192, 1926.

ASHLEY, Mike. **The Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the Beginning to 1950**. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.

CSICSERY-RONAY Jr., Istvan. **Science Fiction and Empire**. Science Fiction Studies, vol. 30, no. 2, 2003, pp. 231–45.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.

KORSHAK, Stephen D. et al. **From The Pen Of Paul: The Fantastic Images Of Frank R. Paul**. Orlando: Shasta/Phoenix Publishers, 2009.

KOUTSOUKOS, Sandra S. M. **Zoológicos Humanos: gente em exibição na era do imperialismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

RIEDER, John. **Colonialism and the Emergence of Science Fiction**. Middletown: Wesleyan University Press, 2008.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WESTFAHL, Gary. **"The Jules Verne, H.G. Wells, and Edgar Allan Poe Type of Story": Hugo Gernsback's History of Science Fiction**. Science Fiction Studies, vol. 19, no.3, 1992, pp. 340–53.